**Título:** Sobre a verdade e a mentira

**Autor:** Friedrich Nietszche

**Nacionalidade:** alemão

**Título original:** Über Wahrheit und Lüge im außermoralischen Sinn

**Copyright:** hedra **Categoria:** Filosofia

**Palavras-chave:** Filosofia; Crítica; Literatura Clássica; Religião

**Tradução:** Fernando de Moraes Barros

**Número de páginas:** 82

**Dimensão:** 13,3x21cm

**ISBN:** 978-85-7715-795-2

**Sinopse:**

*Sobre a verdade e a mentira* é um opúsculo que investiga o alcance efetivo da linguagem, sobre a qual se assenta todo o conhecimento da civilização ocidental.

Para Nietzsche, a confiança do homem moderno no poder das palavras se funda no esquecimento de que algo que era evidente quando as criou: elas são apenas uma metáfora para as coisas e jamais poderiam encarnar o seu significado. Constata-se, portanto, um desacerto entre o conhecimento intuitivo e as abstrações conceituais.

A obra foi ditada pelo autor a um amigo no verão de 1873, mas saiu a lume apenas após a sua morte. A presente edição contém ainda uma seleta oportuna de *Fragmentos póstumos*.

**Sobre o autor:**

Friedrich Nietszche (Röcken, 1844─Weimar, 1900), filósofo e filólogo alemão, foi um crítico mordaz da cultura ocidental e um dos pensadores mais influentes da modernidade. Descendente de pastores protestantes, opta no entanto por seguir carreira acadêmica.

Aos 25 anos, torna-se professor de letras clássicas na Universidade da Basiléia, onde se aproxima do compositor Richard Wagner. Serve como enfermeiro voluntário na guerra franco-prussiana, mas contrai difteria, a qual prejudica a sua saúde definitivamente. Retorna a Basiléia e passa a frequentar mais a casa de Wagner. Em 1879, devido a constantes recaídas, deixa a universidade e passa a receber uma renda anual.

A partir daí assume uma vida errante, dedicando-se exclusivamente à reflexão e à redação de suas obras, dentre as quais se destacam: *O nascimento da tragédia* (1872), *Assim falava Zaratustra* (1883-1885), *Para além do bem e mal* (1886), *Para a genealogia da moral* (1887) e *O anticristo* (1895). Em 1889, apresenta os primeiros sintomas de problemas mentais, provavelmente decorrentes de sífilis. Falece em 1900.

**Trechos da apresentação:**

De todos os textos de Nietzsche, *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral* é decerto um dos mais singulares e pregnantes. Ditado ao colega K. von Gersdorff em junho de 1873, o escrito é fruto não apenas de uma refinada espiritualidade, mas também de um importante redimensionamento teórico-especulativo. À diferença de ponderações anteriores, nele o filósofo alemão — à época, professor na Universidade da Basiléia — já não toma a palavra a fim de caracterizar o despertar da tragédia ática. Tomado por novos planos e interesses, abandona-se agora a novas autossatisfações. Pensador livre e laico, debruça-se sobre as assim chamadas ciências da natureza. Luz a eliminar preconceitos e intolerâncias, o espírito contido nos métodos científicos talvez ajude a desanuviar as sombras metafísicas que se acumulam em torno do conhecimento. Mais até. No momento em que aprende a questionar a si mesma, a verdade talvez termine por revelar alguma não verdade à sua base, prestando um testemunho inteiramente inesperado sobre si própria. É precisamente essa suspeita que vigora em *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*.

[...]

Em vista disso, quem procurasse na linguagem “um novo âmbito para sua ação”, seja por meio de metáforas proibidas, seja por meio de arranjos conceituais inéditos, encontraria tal senda, “em linhas gerais, na arte”. São precisamente as consequências dessa aceitação que irão impelir Nietzsche, mais tarde, a tentar assegurar à linguagem não um fundo sonoro suprassensível, mas uma musicalidade atinente à própria palavra. É também por aí que se compreende o motivo pelo qual a chamada linguagem dos gestos terminará por converter-se, como expressão derradeira e paroxística do estilo nietzschiano, na própria “eloquência tornada música”. Razões bastantes para que a ponderação contida em *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral* possa ser vista como a semente a partir da qual nasce e cresce a orientação filosófica exigida pelo Nietzsche da maturidade. E não só. Ao mostrar que a ilusão faz parte dos pressupostos da vida, seu autor faz ver que nós também, a despeito de nossas portentosas verdades, mentimos para viver.

**Trechos do livro:**

Em algum remoto recanto do universo, que se deságua fulgurantemente em inumeráveis sistemas solares, havia uma vez um astro, no qual animais astuciosos inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais audacioso e hipócrita da “história universal”: mas, no fim das contas, foi apenas um minuto. Após alguns respiros da natureza, o astro congelou-se, e os astuciosos animais tiveram de morrer. Alguém poderia, desse modo, inventar uma fábula e ainda assim não teria ilustrado suficientemente bem quão lastimável, quão sombrio e efêmero, quão sem rumo e sem motivo se destaca o intelecto humano no interior da natureza; houve eternidades em que ele não estava presente; quando ele tiver passado mais uma vez, nada terá ocorrido. Pois, para aquele intelecto, não há nenhuma missão ulterior que conduzisse para além da vida humana. Ele é, ao contrário, humano, sendo que apenas seu possuidor e gerador o toma de maneira tão patética, como se os eixos do mundo girassem nele.

[...]

Como vimos, a linguagem trabalha na construção dos conceitos desde o princípio, e, em períodos posteriores, a ciência. Assim como a abelha constrói os favos e, ao mesmo tempo, enche-os de mel, assim também opera a ciência irrefreadamente sobre aquele enorme columbário de conceitos, cemitério das intuições, sempre construindo novos e mais elevados pavimentos, escorando, limpando e renovando os antigos favos, esforçando-se, sobretudo, para preencher essa estrutura colossalmente armada em forma de torre e ordenar, em seu interior, o mundo empírico inteiro, isto é, o mundo antropomórfico. Se o homem de ação une sua vida à razão e a seus conceitos, para não ser arrastado e não se perder a si mesmo, o pesquisador, de sua parte, constrói sua cabana junto à torre da ciência, para que possa prestar-lhe assistência e encontrar, ele próprio, amparo sob o baluarte à sua disposição. E, com efeito, ele necessita de amparo: pois há forças terríveis que lhe irrompem constantemente e que opõem às verdades científicas “verdades” de um tipo totalmente diferente com as mais diversas espécies de emblemas.

[...]

Vivemos, com efeito, numa ilusão contínua através da superficialidade de nosso intelecto: para viver, precisamos da arte a todo instante. Nosso olho nos prende às formas. Se, no entanto, somos nós mesmos a adquirir, aos poucos, esse olho, então vemos vigorar em nós próprios uma força artística. Vemos, pois, na natureza mesma, mecanismos contra o saber absoluto: o filósofo reconhece a linguagem da natureza e diz: “precisamos da arte” e “carecemos apenas de uma parte do saber”.